

O gênero carta do leitor: análise de exemplares publicados no jornal Folha de S. Paulo

Zulmar Teresinha Barbosa Corrêa

Universidade do Sul de Santa Catarina – (UNISUL)

bc_mazinha@yahoo.com.br

Resumo. Esta pesquisa tem como objeto de estudo o gênero textual carta do leitor. Pelo fato de existir muitas variações de carta do leitor distribuídas em várias seções do jornal, de modo geral, nessa pesquisa ela é entendida como um subgênero da carta ao editor. A carta do leitor é um dos espaços que o jornal abre para a participação de seu público maior. O estudo da carta do leitor, aqui realizado, tem como diretriz teórica os trabalhos desenvolvidos dentro do campo da sócio-retórica, mais especificamente os de Swales (1990) e Bazerman (2005). O corpus da pesquisa compõe-se de: i) exemplares do gênero retirados do jornal a Folha de S. Paulo no período de 21 a 27 de maio de 2007; e ii) cartas originais do leitor (pré-edição) enviadas via e-mail pelo editor do jornal e responsável pela seção de cartas do leitor nesse jornal. Com a realização desta pesquisa buscou-se atingir os seguintes: a) analisar a organização retórica do gênero “carta do leitor” e, b) levantar aspectos da edição das cartas como parte do processo de textualização do gênero. Além de contribuir com o estudo dos gêneros jornalísticos, a pesquisa poderá ser um material para auxiliar e/ou promover o ensino de produção textual nas escolas.

Abstract. This research has as objective study the textual genre reader’s letter. Considering the fact that there are numerous variations of reader’s letter distributed into many sections of a journal, with no specific order, it is understood as a sub genre of the editor’s letter into the research. Reader’s letter is one of the sections that the journal offers to the major public’s participation. The study of the reader’s letter, done here, has as theoretical framework the assignments developed into a social-rhetorical field, more specifically the ones of Swales (1990) and Bazerman (2005). The research’s corpus is composed by: i) genre’s exemplars taken from Folha de S. Paulo Journal of May 21 to 27, 2007, period; and ii) original reader’s letters (pre-edition) emailed by the journal’s editor and responsible for the reader’s letter section in this journal. The performance aim of this research was: a) analyze the rhetorical organization of the genre “reader’s letter” and, b) find edition’s aspects of the letters as part of the genre’s textualization process. Furthermore the contribution for the journalistic genres studies, the research might either be a supporting material or promote the teaching of textual production in schools.

Palavras-chave: gênero textual, carta do leitor, sócio-retórica.

1. Introdução

O presente artigo relata parte de uma pesquisa que está sendo realizada e tem como objeto de estudo o gênero textual carta do leitor. Pelo fato de existir muitas variações de carta do leitor distribuídas em várias seções do jornal, de modo geral, nessa pesquisa ela está sendo entendida como um subgênero da carta ao editor. A carta do leitor é um dos espaços que o jornal abre para a participação de seu público maior.

O estudo da carta, aqui realizado, tem como diretriz teórica os trabalhos desenvolvidos dentro do campo da sócio-retórica, mais especificamente os de Swales (1990) e Bazerman (2005).

Embora haja já alguns trabalhos relativos aos gêneros jornalísticos (MELO, 1972, 1985, 1994, 2003; CHAPARRO, 1992, 1998; BELTRÃO, 1976, 1992), em geral, eles não estão relacionados a uma perspectiva de estudos de gêneros. Conforme Bonini (2003) os debates sobre gêneros na área de comunicação partem de uma perspectiva tipologizante. Neste sentido, em uma perspectiva não tipologizante, a pesquisa aqui proposta procura contribuir para o conjunto dos estudos retóricos de gênero, observando assim o gênero carta do leitor dentro dessa ótica.

A literatura jornalística (CHAPARRO, 1992, 1998; MELO, 1972, 1985, 1994, 2003; BELTRÃO, 1976, 1992) indica que a “carta do leitor” é vista como um componente opinativo do jornal, entendendo que ela anuncia a opinião do leitor.

O *corpus* desse estudo compõe-se de: i) exemplares do gênero retirados do jornal a Folha de S. Paulo no período de 21 a 27 de maio de 2007; e ii) cartas originais do leitor (pré-edição) enviadas via e-mail pelo editor do jornal e responsável pela seção de cartas do leitor nesse jornal.

Nesta discussão, vou me ater apenas no objetivo: analisar a organização retórica do gênero “carta do leitor”.

2. Referenciais Teóricos

2.1 Swales

John M. Swales (1990) busca em vários campos de estudo como: Folclore, Literatura, Linguística e Retórica idéias para compor uma explicação de gênero. O autor entende que para compreender um texto deve-se levar em consideração o contexto e não apenas elementos linguísticos que permeiam o texto, e considera que a noção de gênero incluir um conhecimento que vai além do texto considerado em sua organização. A partir da consideração das pesquisas nesses campos, ele conclui que o gênero é uma categoria de linguagem que: i) é utilizada diferentemente por grupos sociais diversos; ii) se modifica no tempo e de acordo com a criatividade dos indivíduos; e iii) serve como meio para a realização de eventos de linguagem.

O autor (SWALES, 1990) formula uma explicação de gênero que conta com cinco características, no sentido de que ele:

1) é uma classe de eventos comunicativos, sendo influenciado pelo discurso de seus usuários, pelos participantes do grupo onde é utilizado, pela função que desempenha e pelo ambiente onde o discurso é produzido.

2) detém um propósito comunicativo, o que remete à idéia de que os gêneros têm funções e objetivos específicos. Um gênero pode ter um ou mais propósitos comunicativos, sendo que o propósito é considerado um dos elementos mais importantes em sua caracterização, pois é ele que desencadeia a ação de linguagem.

3) apresenta graus de prototipicidade entre seus exemplares, sendo que, para se poder classificar um exemplar como pertencente a dado gênero, recorre-se a critérios que o caracterizem como sendo pertencente aquele gênero ou classifica-se por semelhanças.

4) apresenta uma razão ou lógica subjacente, pois as convenções que são empregadas são características de determinado gênero.

5) detém uma terminologia elaborada pela comunidade discursiva onde é utilizado. As denominações dos gêneros, em geral, são determinadas pelos membros que possuem mais experiência na comunidade discursiva. A forma de realização de um gênero pode sofrer alterações, dependendo da necessidade e dos propósitos assumidos dentro da comunidade discursiva e, sendo assim, um gênero pode mudar na sua forma de realização ou mesmo até na sua nomenclatura, porém mesmo assim ser reconhecido pela comunidade que o utiliza.

O extenso conceito de gênero que Swales (1990)¹ apresentou, permite visualizar os gêneros como eventos sócio-comunicativos e não como categorias abstratas do discurso. Em termos desse conceito, o propósito é tomado como elemento fundamental. É ele que dá sustentação ao gênero e a sua estrutura interna (“estrutura esquemática”).

Pertencentes a uma comunidade discursiva, os gêneros são vistos como eventos sócio-comunicativos gerados pela comunidade que o utiliza e que o acabam padronizando e convencionalizando de acordo com seus objetivos comuns.

Em trabalhos posteriores, Swales (1990, 1992) entende que existem alguns problemas teóricos em relação aos conceitos de propósito comunicativo e comunidades discursivas.

Nesse sentido, Swales introduz uma proposta de análise de gênero que corresponde à investigação do texto não somente quanto a forma e conteúdo, mas também quanto às práticas sociais da comunidade discursiva. Uma comunidade discursiva consiste em um conjunto de membros socialmente reconhecidos que, através de seus objetivos e propósitos comunicativos, utilizam práticas discursivas e conseqüentemente gêneros para possibilitar a interação.

Além desses conceitos, o modelo CARS (Create a research space),² inicialmente elaborado por Swales (1981, 1990) para análise retórica de artigos de pesquisa, “é uma ferramenta que tem se revelado muito eficaz na análise do padrão de distribuição das informações nos mais diversos gêneros, em contextos acadêmico-científicos, profissionais e outros” (BONINI; BIASI-RODRIGUES; CARVALHO, 2006, p. 200).

¹ O conceito de Swales é apresentado na sua obra de 1990, p.58. (ver Referências)

² A exposição do modelo CARS é retomada na seção de metodologia.

A proposta de Swales é fundamentalmente um estudo que privilegia o contexto de produção, baseado na idéia de gênero como um fazer socialmente situado em uma comunidade discursiva que, como fenômeno historicamente dado, se manifesta, (re)construindo e administrando seus discursos/textos conforme seus objetivos e propósitos.

2.1.2 Bazerman

Bazerman (2005) leva em consideração o momento social, a intenção e o propósito nos estudos dos gêneros. Para o autor: “Gêneros emergem nos processos sociais em que as pessoas tentam compreender uma às outras suficientemente bem para coordenar atividades e compartilhar significados com vistas a seus propósitos práticos” (BEZERMAN, 2005, p. 31).

Para o autor, entender o que representam os gêneros para uma determinada comunidade significa observar as atividades de linguagem que as pessoas exercem e conseqüentemente o que se torna comum entre elas (semelhanças significativas). A forma de linguagem que é usada na comunicação pela comunidade se torna um modo típico e de certa forma padronizada. A esse modo de reconhecimento é dado o nome de tipificação. Os gêneros, de acordo com o autor, “tipificam muitas coisas além da forma textual [pois são] parte do modo como os seres humanos dão forma às atividades sociais” (2005, p. 31). O valor social, as intenções comunicativas e a percepção de seus significados pelos indivíduos, são características levadas em consideração pelo autor quando se refere aos gêneros.

Conforme (BONINI; BIASI-RODRIGUES; CARVALHO, 2006, p. 220), “Bazerman se fixa na noção de sistema de gêneros que, mais tarde, é complementada pela de sistema de atividades; ambas, entretanto, têm como elo de ligação a tradição retórica de estudos de gênero e o conceito de tipificação”. Os conceitos teóricos (sistema de gêneros e atividades) estão relacionados intrinsecamente às práticas sociais. Como fala Bazerman (2005, p. 34), “levar em consideração o sistema de gêneros é focalizar o que as pessoas fazem e como os textos ajudam as pessoas a fazê-lo, em vez de focalizar os textos como fins em si mesmo”. Em seus trabalhos, é bastante presente a preocupação do autor em vislumbrar as práticas nas quais as pessoas estão envolvidas e o seu fazer para tentar concretizar a intenção de suas ações.

2.2 A carta do leitor

A carta do leitor possui como característica própria, a ausência de contato imediato entre o destinador e destinatário, propiciando a participação do leitor no jornal e o direito de se manifestar, atendendo a várias intenções e propósitos.

Segundo alguns autores (SILVA, 1997; POMPÍLIO, 2002; SIMONI, 2004)³, o gênero carta do leitor pode ser considerado um subgênero do gênero carta. Embora

³ SILVA, V. L. P. Variações tipológicas no gênero textual carta. In: KOCH, I. G. V.; BARROS, K. S. M. **Tópicos em lingüística de texto e análise da conversação**. Natal: EDUFERN, p. 118-124, 1997.

POMPÍLIO, Berenice Wanderley. **Cartas de leitor: tribuna de cidadania em uma abordagem sócio-discursiva**. 2002. 140f. Dissertação (Mestrado em Lingüística Aplicada ao Ensino), Curso de Pós-

possamos pensar que o gênero carta se ampliou de tal forma que possa justificar esta posição, a carta do leitor se diferencia de forma bastante pontual se pensarmos na abrangência de seus receptores/leitores, seus propósitos, circulação ou mesmo no formato diferenciado do gênero carta (endereço, corpo, saudação). Conforme Bazerman (2005, p. 88) “À medida que mais temas e transações, de forma reconhecível inserem-se nas cartas, o gênero, em si, se expande e especializa; foi assim que tipos distintos de cartas se tornaram reconhecíveis e passam a ser tratados diferentemente”.

Podemos considerar então, que o gênero carta deu origem a outros gêneros e conseqüentemente esses gêneros a outros subgêneros. Aqui neste estudo optou-se por compreender a carta do leitor como sendo um subgênero da carta ao editor.

Carta ao editor são todas as cartas do leitor que enviadas para publicação são remetidas para o editor da referida seção e responsável pela edição.

O editor é o responsável pela edição e publicação das cartas, podendo ser considerado, de acordo com a explicação de gênero (SWALES, 1990), um dos membros que possuem mais experiência na comunidade discursiva. Sendo assim, é ele que dá a forma a essa atividade social de linguagem, ou seja, é a tipificação do gênero segundo Bazerman (2005).

Já o posicionamento de autores nas literaturas da área jornalística perante a carta do leitor é o de classificar, categorizando-a como jornalismo opinativo. Apesar de ocorrer o termo “gênero” em algumas literaturas, não o fazem relacionando aos sujeitos da ação social como produtores criativos envolvidos na linguagem, mas como um tipo de texto que pode ser estudado isoladamente e independentemente do sujeito que o utiliza.

2.2.1 O que aponta a literatura acadêmica da área de jornalismo

Segundo Melo (2003), no início do século XVIII, o editor inglês Samuel Buckeley fez uma distinção entre *news* (notícia) e *couments* (comentários), estabelecendo assim um início da classificação dos gêneros jornalísticos.

A influência britânica, em relação a esse assunto, persistiu até os dias de hoje. Desse modo, segundo Melo (1985), os gêneros informativo e opinativo são os que hoje predominam entre os textos que circulam nos jornais. Diz ainda que essa distinção entre opinião e informação é um critério seguido nas matérias publicadas, de forma que: “O jornalismo articula-se, [...] em função de dois núcleos de interesse: a informação (saber o que se passa) e a opinião (saber o que se pensa sobre o que se passa)” (p. 63).

graduação em Lingüística Aplicada, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC – São Paulo, 2002.

SIMONI, Rosa Maria Schmitz. **Uma caracterização do gênero carta-consulta nos jornais o globo e Folha de S. Paulo**. 2004. 200f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem) – Curso de Pós-graduação em Ciências da Linguagem, Universidade do Sul de Santa Catarina, Tubarão, 2004.

Entre os estudiosos do jornal, Chaparro (1998) não vê com clareza este espaço exclusivo para a opinião e para a informação, considerando dessa forma o “relato” como elemento da natureza do jornalismo, inseparável de qualquer espécie de texto. Através do relato de fatos é que se desenvolvem as estruturas jornalísticas. O relato é dotado essencialmente de um conhecimento da realidade e da tentativa de atribuir significados as coisas. Sua posição quanto aos gêneros existentes no jornal resulta de sua pesquisa de jornais do Brasil e de Portugal, através da qual levanta uma classificação dos textos do jornal, propondo a existência de dois gêneros: o “comentário” e o “relato”. Em seus trabalhos (1992, 1998), Chaparro cita também Marques de Melo que no Brasil defende a bifurcação do jornalismo em informativo e opinativo.

Apesar de essa configuração aqui no Brasil ser mais comum, Luiz Beltrão (1976) apresentou ainda uma terceira categoria de gênero, além de informativo e opinativo: o interpretativo. Mas, no que se refere à carta do leitor, Beltrão também a classifica como um gênero opinativo.

Faz-se importante registrar que o termo gênero aqui citado e empregado por esses autores, corresponde a um item de classificação, o que difere essencialmente da perspectiva sócio-retórica, uma vez que essa propõe que o gênero seja entendido como um componente das atividades humanas em contextos sociais específicos.

Bonini (2003) faz uma análise dos gêneros que circulam no jornal, extraindo informações dos manuais de estilo (Folha de S. Paulo, O Globo, Zero Hora Estado de S. Paulo); do dicionário de comunicação (Rabaça e Barbosa, 2001) e da literatura da área de comunicação. O autor aponta que, apesar de os manuais e o dicionário não apresentarem nenhum verbete específico sobre gênero ou gênero jornalístico ou a noção de gênero como objeto de linguagem, bem como a literatura da área ter apresentado um conceito ultrapassado de gênero, esses assinalam termos ou rótulos que ele entende como possibilidades de gêneros.

3. Metodologia

A metodologia adotada nesta pesquisa é a de Bonini (2001), que consiste em dois níveis macroanálise (do jornal para o gênero) e microanálise (do gênero para o jornal) e que toma como foco de atenção para estudo do gênero no jornal: i) a literatura do meio, ii) estrutura textual e, iii) aspectos pragmáticos.

MACROANÁLISE	MICROANÁLISE
(1) Levantar a literatura a respeito do jornal. Nesta etapa, procede-se à leitura, com vias a determinar a tradição relativa ao jornal e fazer um inventário dos gêneros: i) dos principais manuais de jornalismo; ii) dos textos acadêmicos sobre o jornal; e iii) de possíveis estudos que o analisem do ponto de vista genérico.	(1) Levantar a literatura a respeito do gênero. Nesta etapa, com vias a determinar a tradição relativa ao gênero em estudo, procede-se à leitura: i) dos principais manuais de jornalismo; ii) dos textos acadêmicos sobre o gênero; e iii) de possíveis estudos que analisem do ponto de vista genérico.

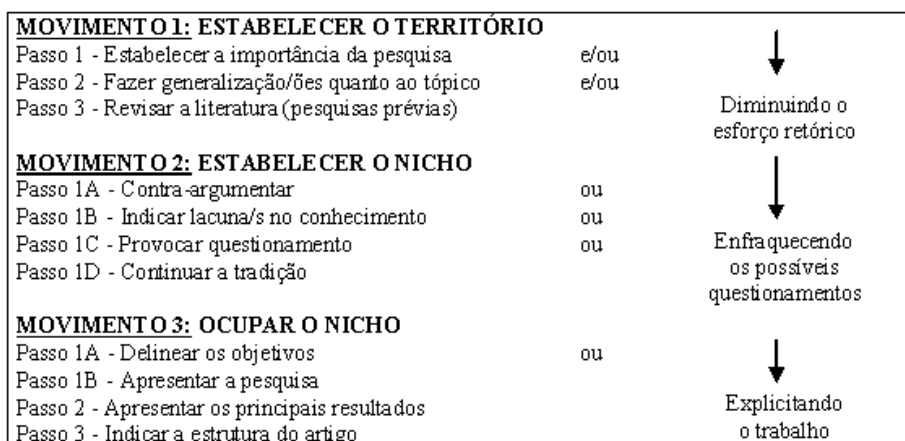
(2) Estabelecer uma interpretação estrutural para o jornal. Nesta etapa, procede-se: i) ao levantamento dos padrões textuais (partes e mecanismos característicos) e lingüísticos (léxico, emprego verbal, padrão oracional, etc.) de estruturação do jornal; e iii) ao levantamento das relações com outros gêneros amplos.	(2) Estabelecer uma interpretação estrutural para o gênero. Nesta etapa, procede-se: i) ao levantamento dos mecanismos textuais (movimentos, passos e seqüências) e lingüísticos (léxico característico, emprego verbal, padrão oracional, etc.) de estruturação do gênero; e ii) ao levantamento das relações com outros gêneros e com o jornal.
(3) Estabelecer uma interpretação pragmática para o jornal. Nesta etapa, procede-se: i) à análise da comunidade discursiva em que jornal se insere; ii) ao estabelecimento dos papéis interacionais (incluindo-se aí também a análise dos propósitos, objetivos e interesses compartilhados e intervenientes) e iii) à consulta a informante da comunidade discursiva.	(3) Estabelecer uma interpretação pragmática para o gênero. Nesta etapa, procede-se: i) à análise da comunidade discursiva em que o gênero se insere; ii) ao estabelecimento dos papéis interacionais (incluindo-se aí também a análise dos propósitos, objetivos e interesses compartilhados e intervenientes); e iii) à consulta a informante da comunidade.

Metodologia para o estudo dos gêneros do jornal (BONINI, 2002)

Essa metodologia tem sido empregada no PROJOR⁴, ao qual a presente pesquisa também se filia. Nos trabalhos relativos a esse projeto também tem sido um aspecto central, a utilização do modelo CARS (Creating a reserarch space - criação de um espaço de pesquisa) de Swales (1990). O autor propõe a utilização do modelo para observar a produção e a constituição de um texto, focalizando especialmente o produtor. Dessa forma, o analista da linguagem numa perspectiva sócio-retórica estuda o gênero, tomando como foco da atenção a forma como esse produtor se manifesta no texto.

O modelo CARS se caracteriza pela consideração de dois conceitos: movimento (grande ação retórica que se revela em grandes blocos de informação no texto) e passo (ação que materializa o movimento). O modelo foi desenvolvido e inicialmente experimentado pelo autor em corpus de introduções de artigo de pesquisa.

⁴ Projor - Projeto Gêneros do Jornal, coordenado por Adair Bonini desde 2003.



Modelo CARS para introduções de artigo de pesquisa (SWALES, 1990)

Em relação ao *corpus* da presente pesquisa, este foi coletado nos cadernos do jornal Folha de S. Paulo na seção “Painel do Leitor”, em exemplares veiculados do dia 21 à 27 de maio de 2007. Compõe-se de 49 Cartas do Leitor.

4. Resultados

4.1 Organização retórica da carta do leitor

A análise dos exemplares coletados revelou a ocorrência de cinco variantes da Carta do Leitor.

- i) **Carta para o jornal ou um de seus envolvidos com elogio ou crítica:** Nesta variante, observa-se que o leitor missivista tem como destinatário de seu texto o próprio periódico ou pessoas relacionadas a ele, tecendo no seu conteúdo, elogios ou críticas a ações destes.
- ii) **Carta para outro leitor com questionamento ou apoio:** Esta variante é caracterizada por assumir um conteúdo direcionado a outro leitor missivista, na intenção de mencionar ou interagir com a carta desse outro leitor, tecendo comentários de apoio ou questionamento em relação ao teor do assunto já abordado anteriormente.
- iii) **Carta para a sociedade com crítica de comportamento:** Esta variante se distingue das demais por apresentar um contorno bastante amplo no que se refere ao seu destinatário. Carta para a sociedade inclui pessoas que exercem um poder político, administrativo, representativo ou ainda pessoas comuns. Assim como na variante A, esta variante também aborda um conteúdo crítico, porém diferenciado por contemplar um outro público não específico, a sociedade.
- iv) **Carta para envolvido(s) em um fato com comentário positivo ou negativo:** Esta variante do gênero carta do leitor aponta como característica principal a abordagem de um fato veiculado na mídia, utilizando-o como ancora para desenvolver o seu comentário. O posicionamento da carta varia entre uma explanação positiva ou negativa do fato conforme a valoração que é dada ao fato e consequentemente aos seus envolvidos, pelo autor da carta. Portanto, o

texto da carta na íntegra, traduz um parecer do autor em relação ao fato ocorrido e seus envolvidos.

- v) **Carta para os leitores do jornal com esclarecimento sobre texto publicado anteriormente:** O que caracteriza esta variante é a posição que o autor da carta se coloca frente a um texto de um outro autor, na tentativa de esclarecer algo publicado pelo jornal.

Nota-se que, no jornal, a distribuição de ocorrência de cada variante é a seguinte:

VARIANTES	F	%
Carta para o jornal ou um de seus envolvidos com elogio ou crítica	16	
Carta para envolvido(s) em um fato com comentário positivo ou negativo	15	
Carta para os leitores do jornal com esclarecimento sobre texto publicado anteriormente	08	
Carta para outro leitor com questionamento ou apoio	05	
Carta para a sociedade com crítica de comportamento	05	
TOTAL	49	100

Frequência das variantes da carta do leitor no jornal Folha de S. Paulo de 21 a 27 de maio de 2007.

Vejam, a seguir, a descrição dos movimentos encontrados em cada variante da carta, sendo que os movimentos I e o movimento identificado como IV ou V se repetem em todas as variantes da carta do leitor.

São eles:

Movimento I (identificar o texto). Nesse movimento, é apresentado um título para a carta do leitor.

Movimento IV ou V (fornecer dados de identificação do autor da carta). Esse movimento identifica o autor da carta, condição essencial explícita nas regras da política editorial do jornal para a publicação da carta. A cidade de origem da carta, a profissão, escolaridade e/ou ocupação social, também são itens que aparecem neste movimento.

Os textos aqui apresentados são partes dos exemplares do *corpus* da pesquisa em andamento e de acordo como estes foram publicados no jornal. A identificação de cada texto corresponde à numeração que este recebeu nos anexos da pesquisa.

4.1.1 Carta para o jornal ou um de seus envolvidos com elogio ou crítica:

A organização retórica desta variante da carta do leitor caracteriza-se por apresentar quatro movimentos. Os movimentos I e IV já mencionados acima, e os movimentos II e III que são descritos da seguinte forma:

Movimento II (elogiar ou criticar a matéria ou envolvidos). Nesse movimento, é delineado o conteúdo da carta identificando o texto o qual a carta se refere e, a caracterização do texto como elogio ou crítica.

Movimento III (justificar o elogio ou crítica). Nesse movimento, há um empenho de textualização para abordar o conteúdo e/ou motivo do elogio ou crítica.

Texto 7

Movimento I Identificar o texto	Navalha * ⁵
Movimento III Justificar o elogio ou crítica	“Não li nenhuma declaração de ministros do STJ, e muito menos de membros da OAB, indignados com a atuação da polícia do Rio nos morros ou contra cidadãos brasileiros que moram em favelas.
Movimento II Elogiar ou criticar matéria	Nesses casos não se fala em polícia fascista nem há preocupação com o Estado de Direito.”
Movimento IV Fornecer dados de identificação do autor da carta	JOEL ANTONIO BIER (Curitiba, PR)

Data da publicação: 26 de maio de 2007

O *corpus* selecionado para esta variante corresponde a um total de 16 cartas, apresentando uma ocorrência de 100% para cada movimento.

4.1.2 Carta para outro leitor com questionamento ou apoio:

Esta variante da carta do leitor apresenta quatro movimentos retóricos, os movimentos I e IV citados acima, e os movimentos II e III que se seguem.

Movimento II (retomar carta/matéria ou trecho de carta/matéria publicada anteriormente). Esse movimento é caracterizado pela demarcação do fragmento da carta/matéria publicada a ser comentada, incluindo na maioria dos casos o indicativo de sua publicação. Essa retomada serve para lembrar o que já foi dito anteriormente por outro leitor missivista.

Movimento III (questionar ou apoiar o posicionamento do autor). O movimento configura-se em discutir o teor da carta/matéria publicada anteriormente, questionando ou apoiando o seu autor.

Texto 18

Movimento I	
-------------	--

⁵ As cartas são agrupadas por conteúdos e recebem um título. O asterisco indica o título correspondente em que o texto foi publicado.

Identificar o texto	Radares
Movimento II Retomar carta ou trecho de carta publicada anteriormente	“Colocar aviso de que existe radar é extremamente necessário e justo.
Movimento III Questionar ou apoiar o posicionamento do autor	O objetivo dos radares é forçar os motoristas a reduzirem a velocidade em lugares que sejam perigosos para eles ou para terceiros. O foco deve ser educar e impedir que acidentes aconteçam, e não manter a indústria da multa.”
Movimento IV Fornecer dados de identificação do autor da carta	RICARDO FAIRBANKS CACCIAGUERRA (São Paulo, SP)

Data da publicação: 24 de maio de 2007

Os movimentos mencionados apresentaram uma ocorrência de 100% nas 5 variantes de cartas analisadas.

4.1.3 Carta para a sociedade com crítica de comportamento:

Nesta variante da carta do leitor são apresentados cinco movimentos. Os movimentos I e V expostos no início da apresentação dos resultados, e, os movimentos II, III e IV os quais passo a relatar.

Movimento II (destacar comportamento negativo de um grupo da sociedade ou da sociedade como um todo). O movimento demonstra o empenho que o texto faz para ilustrar uma conduta social que o escritor da carta considera negativa perante a sociedade.

Movimento III (explicar o comportamento). O movimento consiste em apresentar um comentário sobre o comportamento já apresentado no movimento anterior e julgado pelo autor da carta como negativo. Esse comentário fornece dados no intuito de esclarecer o motivo do desagrado.

Movimento IV (criticar o comportamento). De forma questionadora e efusiva, esse movimento se caracteriza pela censura ao comportamento apresentado por um grupo ou sociedade.

Texto 25

Movimento I Identificar o texto	Corrupção
------------------------------------	------------------

Movimento II Destacar comportamento negativo de um grupo da sociedade ou da sociedade como um todo	“Uma geração de políticos fez escola neste país ao realizar grandes obras a preços superfaturados e ficou conhecida pelo mote ‘rouba, mas faz’.”
Movimento III Explicar o comportamento	Para surpresa geral, surge agora uma nova geração, pior do que a anterior, capaz de aprovar emendas no Orçamento e liberar verbas públicas para pagar obras e serviços não realizados.
Movimento IV Criticar o comportamento	Com toda a certeza essa cambada de políticos merece ser chamada de ‘os roubam, mas não fazem’.”
Movimento V Fornecer dados de identificação do autor da carta	MARCOS ABRÃO (São Paulo,SP)

Data da publicação: 21 de maio de 2007

As cartas analisadas nesta variante perfazem um total de 5 cartas. Sendo que, a ocorrência para os movimentos I, II, IV, V é de 100%; e, para o movimento III é de 60%, aparecendo em 3 textos.

4.1.4 Carta para envolvido(s) em um fato com comentário positivo ou negativo:

Esta variante apresenta quatro movimentos além dos já citados I e IV, os movimentos II e III.

Movimento II (destacar um fato). Situa o leitor do jornal em relação ao fato a ser comentado posteriormente. Neste sentido, a ação que consiste em destacar o fato, apresenta dados ou pistas de informação relacionada ao episódio em questão e, em algumas cartas menciona os seus envolvidos.

Movimento III (comentar positivo ou negativamente sobre um fato). Neste movimento, o autor da carta apresenta um comentário a respeito do fato, abordando-o de acordo com o seu ponto de vista. Esse encaminhamento que é dado no texto em relação ao fato traduz um comportamento de agrado ou desagrado, justificando o comentário positivo ou negativo dado ao texto.

Texto 40

Movimento I Identificar o texto	Crime organizado*
------------------------------------	--------------------------

Movimento II Destacar um fato	“A ‘desconhecida e pequena’ Gautama
Movimento III Comentar positiva ou negativamente sobre um fato	deixa no fio da navalha a acovardada, desmoralizada e sem holofotes CPI do Apagão Aéreo, de onde surgirão aquelas ‘macroco-nhecidas’ de sempre. Que pena!”
Movimento IV Fornecer dados de identificação do autor da carta	ANTONIO R. DE S. FILHO (Brasília, DF)

Data da publicação: 22 de maio de 2007

A ocorrência desses movimentos é de 100% de um total de 15 cartas analisadas.

4.1.5 Carta para os leitores do jornal com esclarecimento sobre texto publicado anteriormente:

São cinco os movimentos que caracterizam esta variante da carta do leitor. São eles: I) Identificar o texto; V) Fornecer dados de identificação do autor da carta, já explicitados neste trabalho, e, os movimentos II, III e IV, como se pode ver a seguir.

Movimento II (evidenciar a informação publicada). Neste movimento, é fornecido ao leitor do jornal informações sobre o texto publicado anteriormente.

Movimento III (retificar a informação publicada). Nesse movimento, o autor da carta esclarece a informação publicada, com a intenção de corrigir os dados apresentados no texto publicado anteriormente.

Movimento IV (criticar o trabalho de apuração da informação). O movimento investe em censurar a forma como foram apurados os dados para publicação do texto da carta.

Texto 45

Movimento I Identificar o texto	Crime organizado*
Movimento II Evidenciar a informação publicada	“A respeito da reportagem ‘TCU aponta irregularidades em obra da Gautama no AP’ (Brasil , 21/5), que refere ter sido obra de ampliação do aeroporto internacional de Macapá ‘fruto de emenda do senador José Sarney’,

Movimento III Retificar a informação publicada	desejo esclarecer que o aeroporto de Macapá é construído com recursos da Infraero, sem participação de emendas de minha autoria. Foi a primeira obra do governo Lula na Amazônia.
Movimento IV Criticar o trabalho de apuração da informação	Lamento não haver recebido a chamada da Folha , porque a teria atendido e esclarecido.”
Movimento V Fornecer dados de identificação do autor da carta	JOSÉ SARNEY, Senador – PMDB – AP (Brasília, DF)

Data da publicação: 22 de maio de 2007

A ocorrência desses movimentos num total de 8 cartas analisadas foram de: 100% para os movimentos I, II, III, V; e, 37,5% para o movimento IV, aparecendo em apenas 3 textos.

5. Considerações Finais

Os resultados da análise, até o momento, indicam que os exemplares do gênero carta do leitor publicados no jornal Folha de S. Paulo se constituem de missivas com objetivos e propósitos diversos. Representam uma prática social bastante recorrente no meio jornalístico, estão sempre atreladas a notícias veiculadas na mídia ou a matérias, reportagens e cartas publicadas anteriormente. São divulgadas diariamente em uma seção fixa do jornal, agrupadas pelo seu conteúdo e dispostas em duas colunas.

As 49 cartas analisadas apresentaram cinco variantes, caracterizadas pelos seus movimentos retóricos.

A carta do leitor, por apresentar uma grande variedade de conteúdo de interesse social, pode ser um recurso textual bastante valioso para o ensino da linguagem na escola.

6. Referências

ASKEHAVE, I.; SWALES, J. M. **Genre identification and communicative purpose: a problem and a possible solution.** Applied Linguistics, v. 22, n. 2 p. 195- 212, 2001. (texto traduzido).

BAZERMAN, C. **Gêneros textuais, tipificação e interação.** Org. por DIONÍSIO, Ângela P.; HOFFNAGEL, Judith C. São Paulo: Cortez, 2005.

BONINI, Adair. **Projeto Gêneros do Jornal** (as relações entre gênero textual e suporte). Florianópolis, 2002.

_____. Os gêneros do jornal: o que aponta a literatura na área de comunicação no Brasil? **Linguagem em (Dis)curso**. v. 4, n. 1, p. 205-231. Tubarão: Ed. UNISUL, 2003.

CHAPARRO, Manuel Carlos. **Sotaques d'aquém e d'além mar**: percursos e gêneros do jornalismo português e brasileiro. Santarém: Jortejo, 1998.

MELO, José Marques de. **Jornalismo opinativo**: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro. 3.ed. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003.

_____. **A opinião no jornalismo brasileiro**. Petrópolis: Vozes, 1985.

SWALES, J. M. **Genre analysis**: English in academic and settings. NEW york: Cambridge University Press, 1990.